

DA INVISIBILIDADE Á VISIBILIDADE: UMA REFLEXÃO HISTÓRICA A CERCA DO LUGAR DO DEFICIENTE VISUAL NA SOCIEDADE.

Humberto Bethoven Pessoa de Mello ¹

RESUMO

O presente trabalho, tem como proposta entender as motivações hodiernas de uma pessoa com deficiência no mundo atual. Portanto se faz necessário uma compreensão histórica, ou seja, onde tudo começou em seus espaços, culturais, sociais e econômicos nos berços das grandes civilizações orientais e ocidentais no mundo antigo. São nestes espaços a predominância do debate em torno da pessoa com deficiência ou seja, corpo/alma e corpo/mente. Embora o contexto histórico desta civilização houvesse uma forte discriminação com todas as pessoas com deficiência, seja ela sensorial, física ou mental. Este estudo tem como objetivo geral observar as várias contribuições culturais para humanidade a exemplo, do poeta grego invisual Homero na antiguidade, Valentin Haüy na França na moderna e Louis Braille e José Alvares de Azevedo no mundo contemporâneo. Como objetivos específicos identificar a luta da visibilidade social da pessoa com Deficiência Visual (DV) a partir do abnegado Valentin Haüy na França em 1786. O processo invenção do Sistema Braille para o mundo foi iniciado com jovem Louis Braille no Instituto Nacional dos Jovens *Cegos* em Paris ao observar a escrita fonética em relevo de oito pontos de Charles Barbier. A comunicação pela escrita, foi a liberdade de expressão para pessoa cega. Portanto, o Sistema Braille, demorou muito a ser reconhecido nos países Europeus. O Brasil será o primeiro país do mundo a adotar o Sistema Braille com a criação em 1854, do Instituto Imperial dos Meninos Cegos, atualmente denominado de Instituto Benjamin Constant-IBC. Assim, como procedimentos metodológicos adotou-se uma pesquisa de revisão de literatura (bibliográfica). Os resultados possibilitaram o leitor a perceber a evolução histórica dos deficientes visuais em nossa sociedade.

Palavras-chave: Deficiente Visual, Educação Especial, História da deficiência visual.

¹ Mestre em Diversidade e Inclusão pela UFF - RJ, bethoven.p@uol.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente objeto de estudo tem como finalidade em pontuar historicamente através de uma revisão de literatura em pontuar os avanços e conquistas do Deficiente Visual (DV) ao longo da evolução das sociedades em seu caráter sociocultural, político e econômico ao longo do desenvolvimento histórico da humanidade. A invisibilidade do DV nas sociedades aqui representadas está associada a marginalização social, à descrença, no campo do sobrenatural e religioso, na estética, o corpo belo, o apto para lutar, o mau agouro e até mesmo adivinhos. (MARTINS, 2015).

São nestes espaços do mundo antigo, medieval, moderno e contemporâneo a predominância do debate em torno da pessoa com deficiência seja, ela visual ou não. O significado corpo/alma e corpo/mente vai permear o pensamento filosófico e cultural do homem como perfeição para viver num Estado em constante volúpia de guerra seja ela política ou santa. Assim sendo, todo cidadão que não enquadrava-se no perfil do homem perfeito eram considerados anormais.

Todavia haviam matrizes, ou pensamentos relativo ao sobrenatural, como por exemplo os cegos² (DV) eram consideradas para alguns povos a obscuridade, as trevas, pessoas sem alma de luz, desprovida da salvação e da vida eterna, assim relatavam e relatam até hoje os hebreus em suas passagens bíblicas.

Ao longo da idade média Passam a surgir os “espaços” de caridade nas ordens religiosas. A pessoa com deficiência sai do contexto exclusivo e começa a ter uma transição para segregação em Ordens Religiosas. Portanto o clero faz esforços neste momento histórico para justificar algumas doações cristã. Mesmo assim, continuava a rotular qualquer deficiência como causas sobrenaturais. Assim, o clero na bem da verdade considerava o deficiente como um herege e seu "tratamento "passa pela inquisição.

O mundo moderno e contemporâneo trazem em seu bojo grandes turbulências sociais e políticas na metade do século XVIII, principalmente na França. Coube ao intérprete do Rei Valentin Haüy, em lutar pela inclusão social dos deficientes visuais. [...]“farei que os cegos leiam, colocarei em suas mãos livros impressos por eles mesmos e traçarão os caracteres usuais e lerão a sua própria escritura” (MARTÍNEZ, 2000, apud LEAL, 2015, p. 75).

Assim, o abnegado Haüy funda a primeira escola para cegos do mundo em 1786, denominada Instituto Nacional dos Cegos, (INJA).

² **Cegueira total ou amaurose** é a completa falta de percepção visual de forma e luz e é clinicamente registrado como NLP, uma abreviação para "*no light perception*" (sem percepção de luz). A Cegueira para a OMS é considerada $>0,2$ ou $< 10^\circ$ em ambos os olhos. (WHO, 2014).

Em 1821, convidado para fazer uma apresentação do invento, Charlea Barbier convidou alguns alunos para fazerem a testagem do novo invento. O adolescente Louis Braille participou como voluntário e rapidamente aprendeu a usar o método. Ele constatou que os pontos em relevo tinham alto poder de resolução sob o dedo, sendo bem superior à linha do relevo linear usada no sistema de Haüy (MELLO, 2018).

Inventor incontestável do Sistema de escrita e leitura para deficientes visuais, Louis Braille foi nomeado como professor repetidor do Instituto Real dos Jovens Cegos de Paris. A nova forma de comunicação para os cegos, concebida por Braille entre 1821 e 1837, foi um marco divisório na história da humanidade para os DV.

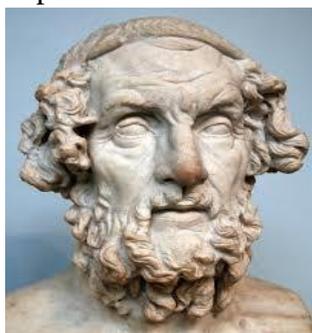
Após seis anos de estudos na França, José Álvares de Azevedo, aos 16 anos, voltou ao Brasil com a determinação de lutar pela criação de uma escola nos mesmos moldes do Instituto Real dos Jovens Cegos de Paris, onde estudara

Assim sendo, procuramos fazer uma evolução cronológica da revisão bibliográfica nesta pesquisa para pontuar a invisibilidade do deficiente visual na antiguidade devido a questões como: corpo/alma e corpo/mente. Por conseguinte, observar sua evolução DV a partir do domínio de um sistema de escrita e leitura no mundo contemporâneo no qual proporcionará a visibilidade e sua independência na sociedade.

1.1 O DEFICIENTE VISUAL NO MUNDO ANTIGO

A participação das pessoas com alguma deficiência na sociedade do mundo antigo são casos isolados, isso só ocorria quando nasciam em famílias ricas. A predominância de sua invisibilidade social estava associada a “marginalização” principalmente na questão espiritual.

Embora o contexto histórico do mundo antigo houvesse pessoas com deficiência, seja ela sensorial física ou mental, foram deixadas várias contribuições culturais para humanidade, temos como exemplo, o autor de *Ilíada* e a *Odisseia* do poeta grego DV Homero, conforme figura 1, que certamente viveu no período anterior ao século VII a.C.



1 - Poeta Homero - deficiente visual

Fonte:Extraídode:www.theacropolismuseum.gr/en/2017

Sêneca um dos mais famosos intelectuais romanos ao citar em sua obra *De Ira* ("*Sobre a Ira*"), que as pessoas com "monstruosas ou com defeitos" devem se sacrificadas como os animais que nascem com algum tipo de deformidade (MARTINS, 2015).

O padrão destas sociedades relativo a questão da igualdade na sociedade esbarra não só no preconceito da deficiência mais também em seu aspecto social. Na Grécia antiga apenas os bens nascidos eram considerados gregos.

A questão de ser diferente no mundo antigo principalmente na Grécia foram visto por Platão e Aristóteles como um fator de eliminação destas pessoas da sociedade. Aristóteles chegou a escrever que teria que haver uma lei que as crianças com algum tipo de deformidade não poderia receber qualquer tipo de sustento (SILVA, 1987a).

Aristóteles compreendia o homem como ser que necessita de coisas e dos outros e como, um animal político, fadado a sobreviver em sociedade. O pensador aborda o ESTADO, na ordem de sua essência, à frente da família e ao indivíduo. Outrossim, assegurava que os Homens eram inteligentes e fortes. O mesmo trilha o pensamento de Platão relativo a concepção da sociedade, onde a divisão de trabalho é fundamental em qualquer sociedade coletiva (SILVA, 1987b).

As civilizações ocidentais buscavam entender a deficiência nas matrizes filosóficas ou religiosas. Os povos hebreus por sua vez não sacrificam as pessoas com deficiência, mais condenava a morte espiritual. Em contra partida os gregos e romanos além de sacrificá-las muitas das vezes exploravam sua mão de obra até a morte (MARTINS 2015).

1.2 OS DEFICIENTES VISUAIS NA TRANSIÇÃO PARA IDADE MÉDIA

Na crise do império romano, o mesmo é dividido em império Romano do Ocidente e o império Romano do Oriente, conhecido como Império Bizantino. Enquanto a igreja ocidental continuava com espírito greco-romano corpo/mente e alma relativo as pessoas com deficiência levando a exclusão total, no oriente o Império Bizantino com a igreja ortodoxa buscava a caridade cristã (SILVA, 1987).

Em Constantinopla durante o governo de Constantino I é clara uma aliança entre Estado e Igreja a fim de prover serviços assistências para pessoas com deficiência, além disso foram organizados nove (09) entidades de acordo com cada doença que a pessoa possuía, ao exemplo "typhlokómeion" abrigo e alimentação para pessoas cegas pobres e desprovidas de condições familiares para garantir seu sustento (SILVA, 1987, p.121).

Somente na baixa idade média, o clero ocidental passou a considerar alma da pessoa com deficiência, como filho de Deus. Entretanto o clero mais radical considerava as pessoas

com deficiência “coisas malignas”, assim sujeitos à ‘purificação da inquisição medieval (SILVA, 1987).

Passam a surgir os “espaços” de caridade nas ordens religiosas. A pessoa com deficiência sai do contexto exclusivo e começa a ter uma transição para segregação em Ordens Religiosas.

Contudo o clero busca no período medieval alguma benevolência cristã, todavia continua a tratar a questão da deficiência como entidades sobrenaturais e com espíritos satânicos. O clero não conseguia justificar o desconhecido, assim as pessoa passam ser conhecidas como anômalas (MARTINS, 2015).

1.3 A MANIFESTAÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA NO MUNDO MODERNO E CONTEMPORÂNEO PARA OS DEFICIENTES VISUAIS

Ao longo do processo histórico entre o homem com deficiência na antiguidade até a idade moderna no mundo ocidental todos vivem em um cenário de invisibilidade social ao longo de séculos. Desde século IV alguns abnegados intelectuais se manifestaram sobre a realidade dos indivíduos cegos com uma proposta de educação como processo de inclusão social.

Valentin Haüy intérprete do rei abalado em ter assistido uma apresentação feita por vários cegos na feira de São Ovídio, na qual parte do público desdenhou desta apresentação. Assim, a partir desse momento Haüy, com seu espírito humanístico decide em lutar pelos deficientes visuais, na educação em seu processo de inclusão social. Haüy em 1786 funda a primeira escola para cegos denominada Instituto Nacional dos Cegos (INJA.) conforme figura 2.



Figura 2- Instituto Real dos Jovens Cegos de Paris. Hoje Fundação Valentin Haüy.
Fonte: (Arquivo pessoal. Paris, 2017).

Ele criou e implantou um sistema de escrita e leitura do deficiente visual pela percepção tátil conhecido como "sistema do relevo linear" [...]” Graças ao método de Haüy foram comprovadas, inequivocamente, as condições favoráveis de aprendizagem das pessoas cegas, através da leitura tátil” (Cerqueira, 2009).

Segundo Roy (2008), o sistema linear de Valentin Haüy permitiu a leitura e a escrita dos cegos, contudo era um processo de escrita muito lento, por isso, o deficiente visual não conseguia fazer rápidas anotações, completá-las ou corrigi-las.

No início do século XIX, Charles Nicola Barbier de La Serre, um capitão de artilharia do exército francês, dedicava-se às pesquisas sobre métodos de comunicação. Barbier criou um alfabeto de 36 fonemas distribuídos em uma tabela de 6 linhas por 6 colunas.

A partir desses fonemas, ele criou um sistema de escrita por meio de pontos em relevo, que eram distribuídos em duas colunas. O fato dos pontos em relevo serem muito sensíveis ao toque incentivou a experimentação com as pessoas cegas (ROY, 2008).

Em 1821, convidado para fazer uma apresentação do invento, Barbier convidou alguns alunos para fazerem a testagem do novo invento. O adolescente Louis Braille participou como voluntário e rapidamente aprendeu a usar o método. Ele constatou que os pontos em relevo tinham alto poder de resolução sob o dedo, sendo bem superior à linha do relevo linear usada no sistema de Haüy. O diretor do Instituto Real dos Jovens Cegos de Paris relatou em 19 de maio de 1821:

Foi-me comunicado pelo Sr. Barbier um método muito engenhoso de escrever para o uso dos cegos por meio dos quais eles podem corresponder um ao outro. Eu me apressei em tentar esse método, o tempo nos dirá o que benefícios podem ser derivados (ROY, 2008, p.17, tradução do autor)

O novo sistema de Barbier jamais foi usado no Instituto Real dos Jovens Cegos de Paris, mas foi o alicerce para os trabalhos desenvolvidos por Luis Braille. Há diferenças básicas entre o sistema de escrita desenvolvida por Louis Braille e o sistema de Charles Barbier. Enquanto o sistema de Barbier utilizava 12 pontos em relevo tátil em duas colunas verticais de 6 pontos e 36 fonemas para representar a língua francesa, o sistema de Louis Braille introduziu a concepção de uma matriz que combinava 6 pontos táteis em duas colunas verticais com três celas (CERQUEIRA, 2009).

Mas, existe algo em comum entre os sistemas de Barbier e Braille: os pontos salientes em relevo. Conforme relatado por Baptista (2000), a data do aparecimento do sistema Braille é 1825, mas a primeira obra na escrita Braille foi publicada apenas em 1829.

Nomeado como professor repetidor do Instituto Real dos Jovens Cegos de Paris, Louis Braille (**Figura 3**) lecionou diversas disciplinas como Gramática, História, Geografia. Ainda jovem, faleceu aos 43 anos, vítima de tuberculose em 6 de janeiro de 1852.



Figura 3- Busto de Louis Braille.

Fonte: Disponível em: (<https://www.avh.asso.fr/fr> Fundação Valentin Haüy).

1.4 A CRIAÇÃO DA PRIMEIRA ECOLE PARA CEGOS NO BRASIL

Após seis anos de estudos na França, José Álvares de Azevedo, aos 16 anos, voltou ao Brasil com a determinação de lutar pela criação de uma escola nos mesmos moldes do Instituto Real dos Jovens Cegos de Paris, onde estudara. O médico da corte imperial, Dr. José Francisco Xavier Sigaud, que tinha uma filha cega e o Barão do Rio Bonito, conseguiram marcar uma audiência do jovem cego com o Imperador (LANNA, 2010). O imperador D. Pedro II ficou encantado com a explanação do jovem e com a forma detalhada da apresentação do sistema Braille.

A partir do apoio do governo, criou-se no Rio de Janeiro, através do Decreto Imperial nº 1.428, de 12 de Setembro de 1854, o Imperial Instituto dos Meninos Cegos.

Foi a primeira instituição da América Latina para o atendimento às pessoas com deficiência visual, sendo atualmente conhecido como Instituto Benjamin Constant (IBC). O jovem José Álvares de Azevedo, que participou ativamente das ações que resultaram na criação do Imperial Instituto dos Meninos Cegos, faleceu seis meses antes da inauguração, vítima de tuberculose, aos 20 anos de idade.

A educação para os cegos no Brasil teve sua dotação orçamentária autorizada a partir do biênio 1855-1856 através do Decreto nº 1.683, de 28 de novembro de 1855, conforme o texto original. "[...] Este Decreto abre ao Ministerio do Imperio hum credito extraordinario de 15.000\$000 para occorrer às despesas com o Imperial Instituto dos Meninos Cegos, no exercício de 1855 - 1856"(BRASIL, 1855).

O Instituto Imperial dos Meninos Cegos nasceu de uma parceria entre as esferas pública e privada, conforme estabeleceu o Decreto de criação nº 1.428, em seu Cap. III, Art.

19, 20 e 21 que definiu o número de vagas e as condições para ser bolsista do Estado, além da quantia a ser paga por alunos que não comprovassem sua condição de pobreza (BRASIL, 1854).

Eis o texto original dos três Artigos:

Art. 19. O numero de alumnos não excederá de 30 nos três primeiros annos. Neste numero se comprehendem até 10, que serão admittidos gratuitamente, quando forem reconhecidamente pobres.

Art. 20. A estes, o Governo fornecerá sustento, vestuario, e curativo.

Art. 21. Os que não forem reconhecidamente pobres pagarão ao Estabelecimento huma pensão annual arbitrada pelo Governo no principio de cada anno, a qual não poderá exceder de 400\$000, além de huma joia no acto da entrada até 200\$000, marcada pela mesma fórma.

Segundo Franco e Dias (2000), em 1872, a classe de alunos cegos tinha 35 discentes matriculados, sendo que 20 educandos pagavam para estudar. Observou-se um aumento significativo dos alunos contribuintes, o que mostra que a elite dominante, que tinha filhos e parentes DV, custeavam seus estudos. Dessa forma, as pessoas humildes tinham suas ofertas de vagas diminuídas na referida instituição, lembrando que os filhos de escravos não podiam ser matriculados em escolas públicas.

A partir de 1889, mesmo com o advento da República, nada mudou. O atendimento às crianças cegas continuou muito lento e deficiente. A principal mudança na educação especial foi quanto ao nome do Instituto. A partir do Decreto nº 9, de 21 de novembro de 1889, que retirou a palavra "Império" de todas as instituições do antigo regime, a instituição passou a denominar-se Instituto Nacional dos Cegos (BRASIL, 1890).

O nome atual "Instituto Benjamin Constant – IBC" foi determinado pelo Decreto nº. 1.320, de 24 de janeiro de 1891, em homenagem ao ex-diretor do Instituto e, também, um dos idealizadores da República, o ex-Ministro da Guerra Benjamin Constant (BRASIL, 1891).

2. PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS

Esta seção retrata a escolha da metodologia e o método como desenvolveu-se a pesquisa. Trata-se de um levantamento bibliográfico referendado pela comunidade acadêmica já analisadas, e publicadas por diversos meios escritos e eletrônicos, como artigos científicos livros, páginas de web sites. Assim, as pesquisas tem como embasamento científico trabalho já explorado e criticado pela academia. Portanto, uma pesquisa bibliográfica, possibilita ao cientista identificar o que já se pesquisou sobre o tema. Segundo, Gil (2008) encontra-se trabalhos científicos que consiste exclusivamente no levantamento bibliográfico, investigando citações acadêmicas publicadas com o propósito de selecionar informações ou entendimentos anteriores sobre o assunto ou a indagação para seu problema.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Podemos concluir que a invisibilidade do deficiente visual ocorreu no desenvolvimento das grandes civilizações. Estas civilizações eram alicerçadas no poder teocrático, ou seja, o poder político e no poder sobrenatural que se confundia dentro do Estado.

Entretanto, as grandes civilizações não estavam fadadas somente na parte espiritual buscavam soluções na natureza as explicações científicas, seja para produção alimentar ou médica. Portanto, as grandes civilizações ocidentais buscavam entender a deficiência nas matrizes filosóficas ou religiosas, pois não dominavam a ciência médica para justificar os acometimentos com os filhos de Deus.

Nesta perspectiva da visibilidade social da pessoa com DV na antiguidade, são poucos os espaços de direitos nem tão pouco de igualdade, o DV está associado a sua condição física, assim eram em uma grande totalidade rejeitados pois suas almas eram obscuras.

Os enciclopedista francês Denis Diderot (1713-1784), e o filósofo suíço Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) em sua obra *Emílio ou Da Educação* (1762), ressalta a importância da aprendizagem e da experiência sensorial e aborda que a sociedade é mais igual por natureza.

Assim, estes filósofos citados possibilitam a luz do esclarecimento de liberdade política, educacional, econômica e religiosa na Inglaterra e a França, consagram o espírito iluminista da idade contemporânea, trazendo mais visibilidade social para as pessoas com deficiência.

Em seu livro "Era das Revoluções 1789-1848" Hobsbawm, (2015), descreve como a Revolução Inglesa, e a revolução industrial e a Francesa começaram a trilhar em novas perspectivas das ciências, da filosofia, da religião e as artes. Contudo não lograram êxitos em resolver os dilemas gerados pelas crescentes contradições sociais. Entretanto a discussão em torno da pessoa com deficiência cresce a cada dia.

Portanto, a nova forma de comunicação para os cegos, concebida por Louis Braille entre 1821 e 1837, foi um marco divisorio na história da humanidade para os DV abrindo espaços de visibilidade na sociedade contemporânea.

Mas a sua adoção como código universal de escrita e leitura sofreu muitas barreiras devido à questão cultural e social, inclusive no próprio país onde foi inventado. A adoção pelo Instituto Real dos Jovens Cegos de Paris só foi consolidada em 1854, ou seja, 25 anos após sua invenção.

A aceitação do sistema Braille nos países da Europa e outros continentes foi gradual, mas as barreiras foram gradativamente sendo ultrapassadas. Contudo o Brasil foi o primeiro país do mundo a adotar o Sistema Braille em 1854.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com a revisão de literatura sobre os espaços de invisibilidade social relatado na grandes civilizações da antiguidade, idade média, surgem novos espaços de visibilidade para DV no final da idade moderna e no início da contemporânea com as chamadas “revoluções burguesas” que vão acelerar o pensamento liberal tanto no campo filosófico, científico, econômico e político, não mais espaços de invisibilidade (trevas) para os DV após o aparecimento do Sistema de Escrita e leitura para o DV.

Assim, percebe-se a importância de mencionar o Sistema de Escrita e Leitura para o DV, como divisor histórico deste processo. Portanto, o desenvolvimento do Sistema Braille objetivou a melhoria da qualidade de ensino e a permanência do aluno DV na escola e na sociedade com sucesso.

Assim sendo, precisamos proporcionar reflexões acerca das novas tecnologias para os DV. Portanto alguns pesquisadores atuais pregam o fim do Sistema Braille, achando que DV pode se alfabetizar somente pela audição. Seria as “trevas” a volta para invisibilidade.

Acredito que as Tecnologias de informação e comunicação (TICs) vieram para ficar, mais com grandes possibilidade de uma interação entre Sistema Braille e as novas tecnologias como: leitores de telas, mapas táteis sonoros entre outros recursos.

Portanto, um novo campo de estudo avança no mundo acadêmico, entender o cérebro do DV principalmente o congênito. A plasticidade cerebral é a capacidade do Sistema Nervoso Central/SNC em modificar-se e reestruturar o seu próprio funcionamento, tanto do sistema sensório-motor como em seus canais de percepção.

Assim sendo, a reorganização do córtex visual que ocorre em pessoas cegas poderá, assim, beneficiar o cotidiano da pessoa com deficiência visual, através da plasticidade cerebral, oportunizando ao deficiente visual estímulos sensoriais como a percepção tátil-cinestésica e auditiva.

Nesse sentido, o processo de alfabetização de uma pessoa DV requer a integração entre o mediador (professor) e o mediado (aluno). Essa cumplicidade educacional deverá ter como base a interação do aluno com diversos objetos pedagógicos que estimulem seus canais de aprendizagem por meio do tato e da audição (MELLO& MACHADO, 2017).

REFERÊNCIAS

BRASIL,1854. Câmara dos deputados. Decreto n. 1.428 13 de setembro de 1854. **Diário Oficial da União**. Rio de Janeiro 12 de setembro de 1854. Disponível em:<<<http://www2.camara.leg.br/atividadelegislativa/legislacao/pesquisa/avancada>>. Acesso em: 10 fev. 2017.

_____,1854. Decreto nº 1.331-A, DE 17 DE FEVEREIRO DE 1854. EMENTA: **Approva o Regulamento para a reforma do ensino primario e secundario do Municipio da Côrte**. Disponível em:<<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-1331-a-17-fevereiro-1854-590146-normape.html>>. Acesso em: 20 fev.2017.

_____,1855. **Decreto nº 1.683, de 28 de Novembro de 1855**. Coleção de Leis do Império do Brasil-1855, Página 631 Vol. 1 pt. II (Publicação Original).Disponível em:<<http://www2.camara.leg.br/atividadelegislativa/legislacao/pesquisa/avancad>>.Acesso em 20 fev. 2017.

_____,1871. **Decreto nº 4.856, de 30 de Dezembro de 1871**. Coleção de Leis do Império do Brasil - 1871, Página 786 Vol. 1 pt. II (Publicação Original) Disponível em:<<http://www2.camara.leg.br/atividadelegislativa/legislacao/pesquisa/avancad>>. Acesso em: 21 fev. 2017.

_____,1889. Decreto nº 193, de 30 de Janeiro de 1889. EMENTA: **Altera a denominação do Instituto dos Meninos Cegos**. Publicação Original [Coleção de Leis do Brasil de 31/12/1890 - vol. 001] (p. 210, col. 1). Disponível em :<<http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaTextoSigen.action?norma=386358&id=1443635&idBinario=15722453&mime=application/rtf>>.Acessoem: 20 fev. 2017.

_____,1889.Decreto nº 408, de 17 de Maio de 1889. EMENTA:**APROVA O REGULAMENTO PARA O INSTITUTO NACIONAL DOS CEGOS**.Publicação Original [Coleção de Leis do Brasil de 31/12/1891-vol.003](p.340,col.1).Disponível em:<<http://legis.senado.gov.br/Legislacao/ListaTextoSigen.action?norma=386358&id=144363&idBinario=15722453&mime=application/rtf>>.Acesso em: 25 fev. 2017.

_____,1891.Decreto nº 1320 de 24 de janeiro de 1891. EMENTA:**INSTITUE HORAS E HOMENAGENS Á MEMORIA DO EMITENTE CIDADÃO O GENERAL DE BRIGADA BENJAMIM CONSTANT BOTELHO DE MAGALHÃES**. Publicação Original [Coleção de Leis do Brasil de 31/12/1890 - vol. 005] (p. 1021, col. 1). Disponível em:<<http://legis.senado.gov.br/legislacao/DetalhaSigen.action?id=392142>>.Acesso em: 20 fev. 2017.

BAPTISTA, J. A. L. S. A invenção do Braille e a sua Importância na Vida dos Cegos. **Lisboa: Gráfica**, v. 2000, n. 9, 2000.

CERQUEIRA, Jonir Bechara. O legado de Louis Braille. **Revista Benjamin Constant, Rio de Janeiro, Edição especial**, v. 2, 2009.

FRANCO, João Roberto; DIAS, TR da S. **A Educação de Pessoas Cegas no Brasil. Avesso do Avesso**, v.5,p. 74-81 ,2007.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HOBBSAWM, Eric. **A era das revoluções: 1789-1848**. Editora Paz e Terra, 2015.

LANNA JÚNIOR, Mário Cléber Martins. História do movimento político das pessoas com deficiência no Brasil. **Brasília**: secretaria de direitos humanos. Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência, p. 12, 2010.

LEAL, Daniela. **Compensação e Cegueira**. Paco Editorial, 2015.

MACHADO, Sídio Werdes Sousa, MELLO, Humberto Bethoven Pessoa de. **A construção de imagens mentais através da aprendizagem mediada de Vygotsky, utilizando mapas táteis - sonoros com alunos invisuais**. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO, INCLUSÃO e INOVAÇÃO, V., 2017, Lisboa. A *Pró-Inclusão*, Associação Nacional de Docentes de Educação Especial. 73p.

MELLO, H.B.P. **Produção e validação da Caixa Tátil-Sonora como ferramenta educacional de Tecnologia Assistiva para alunos deficientes visuais**. 2018.161 f. Dissertação (Mestrado em diversidade e Inclusão) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.

MARTÍNEZ, Albertina Mitjás; TACCA, MCVR. Possibilidades de aprendizagem: ações pedagógicas para alunos com dificuldade e deficiência. **Campinas: Alínea**, 2011.

MARTINS, Lúcia de Araújo Ramos. **História da educação de pessoas com deficiência: da antiguidade ao início do século XXI**. Campinas/são Paulo: Mercado de Letras, 2015.

ROY, Noëlle. Louis Braille 1809–1852, a French genius. **Valentin Haüy Association website**, 2009.

SILVA, Otto Marques da. A epopeia ignorada. **A pessoa deficiente na história do mundo de ontem e de hoje**. São Paulo: CEDAS, 1987. Disponível em: <<https://issuu.com/amaurnolasco/Sanchesjr/docs/-a-epopeia-ignorada-oto-marques-da>>. Acesso em: 10 set 2017.

